

# PROPRIEDADES ESTRUTURAIS DO CÓDIGO: FENÔMENOS DA SINO-ANTONÍMIA

## Structural properties of the code: phenomena of sino-antonym

Maria Aparecida BARBOSA<sup>1</sup>

**Resumo:** Propõe-se este trabalho a estudar, de um lado, as relações lógicas dialéticas subjacente aos fenômenos da sino-antonímia, suas especificidades e semelhanças estruturais; de outro, examinar microssistemas lexicais de sentidos opostos por contrariedade ou por contraditoriedade, com vistas à elaboração de uma tipologia de relações antonímicas.

**Palavras-chave:** Axiologia; Dialética; Estrangeirismo; Nacionalismos; Terminologia.

**Abstract:** This article's purpose is, on a side, to study the logical-dialectics underlying's connections to the sino-antonym phenomenon, its specificities and structural similarities, on another side, to examine lexical microsystems of opposite senses by contrariety or by contradiction, with views to the elaboration of a typology of antonymous relationships.

**Keyword:** Axiology, dialectics, foreign expressions, nationalism, terminology

### Introdução

Buscamos, neste trabalho, estudar, de um lado, as relações lógicas subjacentes aos fenômenos da sino-antonímia, suas especificidades e semelhanças estruturais; de outro, estudar microssistemas lexicais/ terminológicos de sentidos opostos por *contrariedade* ou por *contraditoriedade*, com vistas à elaboração de um modelo dialético de significação, que permita dar conta das relações entre *importação de palavras* e *xenofobia lexical*, na *língua comum* e nas *áreas técnico-científicas*. Tomando os critérios dos *níveis de atualização* da língua as *modalidades de universos de discursos*, examinamos as relações dialéticas de significação, como as sino-antonímicas nos patamares da realidade fenomênica, da conceptualização, da semiotização e, neste, as relações que se estabelecem entre as unidades lexicais em nível de sistema, de normas e de falar. Propomo-nos a estudar as relações semânticas subjacentes a esses fenômenos nos diferentes níveis do percurso gerativo de enunciação de codificação e de decodificação, usando, para tanto, modelos da semântica cognitiva (Rastier), da semiótica (Greimas, Lopes, Pais), da semântica lexical (Pottier, Geckeler, Lyons), da lexicologia (Vilela, Martin), da terminologia (Béjoint e Thoiron). O *corpus*

---

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo

constituiu-se de discursos representativos de diferentes áreas de conhecimento e contextos sociais, culturais e linguísticos. Examinamos, aqui, um microssistema semântico-lexical definido pela oposição entre os metatermos contrários *nacionalismos x estrangeirismos*, os conceitos que lhe corresponde e a rede de metatermos complexos deles decorrentes, *importação de palavras e xenofobia lexical*. Pretendemos mostrar que relações entre contrários e contraditórios coexistem necessariamente, na constituição/ transformação de uma língua comum e nas linguagens de especialidade. Essa abordagem permitiu construir *quadrados e octógonos semiológicos*, que possibilitam formalizar a *axiologia* desses microssistemas. Analisamos, ainda, possíveis *percursos dialéticos* entre os seus termos. Verificamos que esses percursos devem ser relativizados, segundo paradigmas filosóficos, científicos, culturais e políticos do processo histórico das comunidades humanas.

### **1. Abordagens da sino-antonímia**

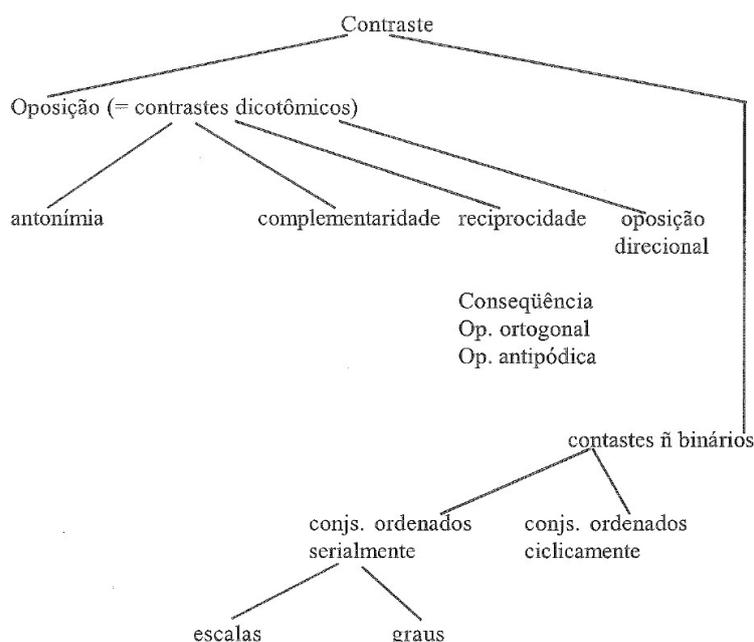
Os fenômenos da sino-antonímia podem ser estudados de vários ângulos: *a)* quanto às suas *especificidades estruturais*, o que permite chegar à sua definição; *b)* quanto à sua *tipologia*, o que permite nuançar a grande variedade dos microssistemas antonímicos, evitando uma classificação redutora e indevida; *c)* quanto à *posição* que os fenômenos ocupam no *percurso gerativo da enunciação* de codificação e de decodificação, o que conduz à sua caracterização e especificidades em nível de realidade fenomênica; em nível de estruturas cognitivas; em nível semiotizado - no sistema e nas normas; em nível de discurso manifestado; *d)* quanto ao seu *tratamento* nos diferentes tipos de *obras dicionarísticas*, o que permite uma reflexão sobre os critérios utilizados no estabelecimento das remissões e nos dicionários de antônimos propriamente ditos. Enfatizamos, aqui as questões concernentes ao item *c*.

### **2. Aspectos da definição e na tipologia da sino-antonímia**

Ao expor seu modelo sobre as relações de sinonímia, Lyons (1979: 476) afirma que “há poucos sinônimos perfeitos nas línguas naturais, se é que os há de fato.” Citando Ullmann (1957), o autor considera que “é quase um truísmo dizer que a sinonímia total é fenômeno extremamente raro”, acrescentando que os argumentos desse semanticista sobre essa questão “repousam sobre dois critérios bastante distintos: só se podem considerar como sinônimas as palavras que se podem substituir em qualquer contexto sem mais leve mudança ou no sentido cognitivo ou no afetivo. As condições para a sinonímia total são, portanto: 1) a possibilidade de intercâmbio em todos os contextos; 2) a identidade tanto no sentido cognitivo como no afetivo.”

A questão da sinonímia e da antonímia é tratada de maneira bastante singular por Lopes (1976: 255-256). Reafirma as posições precedentes e acrescenta elementos relevantes: “A inexistência de sinônimos perfeitos dentro da mesma língua (e também entre línguas diferentes), é uma consequência derivada do caráter estrutural dos signos: o sentido dos elementos linguísticos é um sentido relacional (...) as línguas naturais não possuem tão pouco *antônimos perfeitos* (...) As gramáticas costumam apresentar extensas listas de palavras como (ing.) *big e little, high e low*, às quais chama de antônimos porque, segundo afirmam, possuem *sentidos opostos*. Mas o que quer dizer *possuir sentidos opostos*? Significa *oposto por contrariedade* ou *oposto por contraditoriedade*? (...) Considerando a inexistência de sinônimos ou antônimos perfeitos, trata-se, em ambos os casos, de uma *transformação do sentido original da frase-corpus*, objeto das manipulações sino-antonímicas. Em qualquer dos casos, o fenômeno da sino-antonímias empenha, como se vê, relações lógicas, ou seja, relações *estruturais*. Isto significa que a *sino-antonímia não é, contraditoriamente ao que se crê, uma propriedade das palavras em si, mas é, isto sim, uma propriedade estrutural do código, ou melhor, das relações que instauram as estruturas*”.

Embora não constitua o principal escopo deste trabalho, cabe lembrar a formulação proposta por Lyons e Geckeler (*apud* Vilela, 1994: 165-171), segundo a qual a relação de sentido contrário (ou dicotomização de sentido) talvez seja um traço essencial da língua, Como lembram esses autores, o termo *antonímia*, conquanto date do século XIX, representa um conceito muito antigo, enquanto elemento importante na estruturação do léxico. Das propostas de tratamento da antonímia, Vilela expõe a de Lyons (1977: 270-290), em que as relações de oposição se estruturam da seguinte forma:



### 3. Os processos da sino-antonímia no percurso gerativo de enunciação

O processo de produção discursiva se realiza sempre através do percurso gerativo de enunciação (Pais, 1988, p.599-614). Distinguem-se, nesse percurso, etapas biológicas ou pré-culturais, dentre as quais a especificamente linguística.

Relações antonímicas *lato sensu* já existem no patamar fenomenológico da semiótica natural, já que os fatos da natureza existem no quadro de relações de oposição.

A assim chamada percepção biológica dos ‘objetos do mundo’ já é, na verdade, culturalmente filtrada, em função das determinações e condicionamentos linguísticos, semióticos e culturais a que estão submetidos a membros de determinados linguísticos, semióticos e culturais a que estão submetidos ao membros de determinado grupo humano.

Segue-se, no percurso gerativo da enunciação, o *processo de conceptualização*. Realiza-se nessa etapa, numa primeira fase, a produção de modelos mentais pré-culturais ou universais, denominados *conceptus* de primeiro nível (Rastier, 1991, p. 73-114). Constituem-se estes como conjuntos de semas conceptuais - noemas - disponíveis, em princípio, para qualquer comunidade humana e, nesse sentido, pré culturais, caracterizando-se como o resultado de uma primeira filtragem.

Prosseguem, dessa forma, o percurso gerativo e o processo de conceptualização nele inserido, numa segunda fase, com a produção simultânea de modelos mentais, agora culturais, ou seja, conjuntos de semas conceptuais, ou conjuntos noêmicos denominados *lexes* (Pottier 1991, 9. 13, 16, 60-76), específicos e privativos de um grupo sociocultural, e dos recortes culturais que desempenham o papel de referentes grupos sociocultural, e dos recortes culturais que desempenham o papel de referentes para esse grupo. Dessa maneira, *lexes* e recortes culturais, com suas respectivas redes de oposição, resultante de uma segunda filtragem, definem e sustentam a ‘visão do mundo’, o sistema de valores do grupo num nível cultural, pré-semiótico e trans-semiótico, ou, se preferirmos, disponível para atualização em qualquer semiótica-objeto verbal, não-verbal ou sincrética do mesmo grupo.

Nesses termos, concebem-se os *lexes* como matrizes sígnicas (Pais, 1993, p.548), ou seja, elementos de um metassistema conceptual, suscetível de se transformar em signos, em significações - funções semióticas e metassemióticas - e de se manifestar no discurso de qualquer das semióticas-objeto integrantes da macrossemiótica (Pais, 1982, 45-60) da cultura envolvida.

A etapa subsequente do percurso gerativo consiste no *processo de lexemização*, através do qual cada lexe engendra uma ou mais grandezas-signos, ou ainda, uma ou mais funções metassemióticas - conotações e metassemióticas stricto sensu - daquelas grandezas, de determinado sistema semiótico. Se o percurso gerativo se realiza em um sistema semiótico verbal, equivalente a uma língua natural, os lexes engendram lexias, unidades do léxico, ao nível do sistema, isto é, da instância de competência.

No processo de engendramento de lexia, estrutura-se o significado linguístico como semema, ou seja, um conjunto ordenado de traços mínimos semânticos, os semas linguísticos, e que constitui um conceito linguístico. Dessa forma, ao *conceptus* e ao *lexe*, do nível conceptual, acima vistos, corresponde pelo menos um conceito linguístico, enquanto significado linguisticamente estruturado.

Assim, se duas leixas, por exemplo, apresentam significados lexicais, entendidos como sememas que satisfazem as duas condições, isto é, têm uma intersecção não vazia - um subconjunto de semas comuns - e se relacionam ao mesmo lexe e ao mesmo *conceptus*, dizemos que são parassinônimos.

Ainda no plano do conteúdo, do significado linguisticamente estruturado, observa-se, na etapa de *atualização* do percurso gerativo da enunciação, que o semema de um lexia, ao nível do sistema, é, na realidade, um *sobressemema* - necessariamente polissemêmico, ao qual correspondem subconjuntos seus, os sememes de normas diversas, de significados mais restritos e específicos, relacionados aos diferentes universos de discurso.

Enfim, tais lexias são atualizadas e manifestadas no enunciado de um discurso concretamente realizado, instância do sempo, de que resulta um significado exclusivo daquela situação de discurso e de enunciação.

Compre observar sumária, diríamos que o processo de conceptualização, como percurso, é muito mais complexo do que a passagem do ‘sentido amorfo’ para o ‘sentido formado’, tal como o explicar Hjelmslev (Cf. 1). Há etapas teóricas constitutivas do processo de conceptualização, entre um e outro. Assim, entre o sentido estruturável e o sentido comum a todas as culturas, que corresponderia ao *arquiconceptus*. Esquemáticamente, temos:

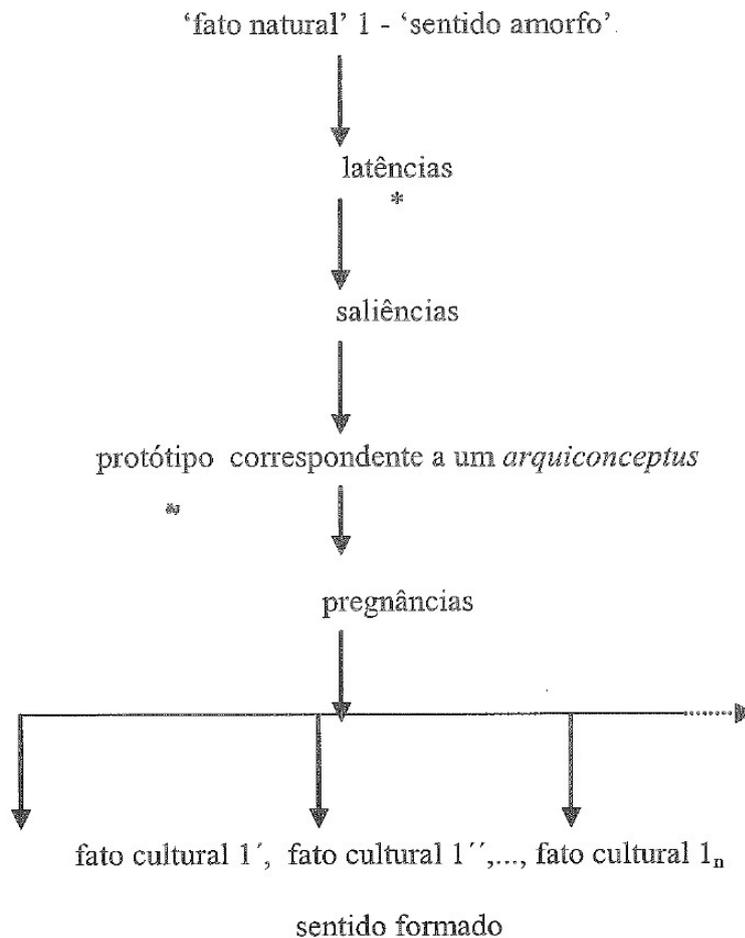


Figura 2: Do natural ao cultural

A conceptualização compreenderia, pois, três níveis de traços semânticos conceptuais: as *latências*, da semiótica natural, as *saliências*, também da semiótica natural, e as *pregnâncias*, enquanto escolas do sujeito enunciatário/enunciário, individual e/ou coletivo, que determinam os traços semântico-conceptuais específicos de uma cultura, o *metaconceptus*, e o conjunto de traços semântico-conceptuais modalizadores/ manipulatórios/ intencionais, o *metametaconceptus*.

Quanto à organização dos patamares conceptual e lexical, propomo-nos, aqui, a descrever a organização de diferentes tipos de campos conceptuais e de campos lexicais, bem como as relações que se estabelecem entre os elementos do conjunto dos primeiros e os dos conjuntos dos últimos, buscando por outro lado, mostrar as diferenças nocionais e estruturais entre campo conceptual, campo lexical, campo semântico e respectivas unidades-padrão: *conceptus*, lexemas/ vocábulos/termos, sememas.

Essa questão insere-se no modelo do percurso gerativo de enunciação de codificação e de decodificação, pois cada um daqueles campos situa-se em diferentes patamares desse

percurso: o campo conceptual, conjunto de *conceptus*, é resultado do processo de *conceptualização* do ‘saber sobre o mundo’ - pré-linguístico, pré semiótico, trans-semiótico; o campo lexical, conjunto de lexemas, lexias, vocábulos/termos que têm um núcleo sêmico comum, resulta do processo de *lexemização* - conversão da informação conceptualizada em significação linguística; campo semântico, em uma de suas acepções, constitui um conjunto de sememas e resulta da intersecção do significado das unidades lexicais de um campo lexical. As relações existentes entre os três campos não são simétricas, visto que um campo lexical pressupõe existentes e contém necessariamente os seus correspondentes campo conceptual e campo semântico; entretanto, um campo conceptual pode não ter, ainda, os campos lexicais e semânticos que lhe corresponderiam.

Com efeito, a distinção entre *campo conceptual*, *campo lexical*, *campo semântico* nem sempre fica muito clara, mesmo para alguns especialistas das ciências cognitivas e das ciências da linguagem. Entretanto, não são *constructos* confundíveis, na medida em que pertencem, como dissemos acima, a níveis de articulação e de análise distintos: o campo conceptual é de natureza cognitiva, pertence ao metassistema conceptual, que parte da semiótica natural - a realidade fenomênica -, reorganizando-a e convertendo-a em ‘conhecimento’ que se tem na realidade fenomênica, início da semiótica humana, gerando assim, uma concepção do mundo única e particular de uma comunidade, um sistema que reorganiza total e exclusivamente o ‘sistema natural’, pré-semiótico; o campo lexical é de natureza linguística, pertence, pois, ao metassistema lexical, que parte do conceptual, convertendo a informação culturalmente recortada em significação sistêmica. Como seus elementos são os signos linguísticos, constituídos de expressão e conteúdo, formando, no campo lexical, um conjunto de elementos, no caso, lexemas, agrupados segundo critérios, que têm um núcleo sêmico comum, constitui o campo semântico de determinado campo lexical. O campo semântico subjaz, portanto, ao campo lexical, que por sua vez, é contido pelo campo conceptual.

Como diz Geckeler, “todo campo lexical é um campo conceptual mas o inverso não é verdadeiro (...) todo lexema corresponde a um conceito mas nem todo conceito tem um lexema correspondente (...) o campo conceptual e o campo lexical encontram-se em uma relação inclusiva; o campo lexical” (1984). Diríamos que a mesma relação se estabelece entre o campo lexical e campo semântico: o campo semântico determina o campo lexical.

Passamos, agora, a descrever a estrutura das unidades-padrão no nível cognitivo e do nível lexemático, respectivamente, o *constructo conceptus* e o *constructo lexemas*.

Um *conceptus*, em sentido amplo, constitui, conforme expusemos acima, um ‘modelo mental’ (Rastier, 1991), dialeticamente articulado a um recorte cultural ou *designata*. É um

conjunto de traços semânticos conceptuais que apresenta grande complexidade estrutural: um subconjunto de noemas (Pottier, 1992), biofísicos ou ‘universais’, *conceptus stricto sensu*; um subconjunto de traços semânticos conceptuais ideológicos, culturais, *metaconceptus*; um subconjunto de traços semânticos conceptuais ideológicos, intencionais, modalizadores, *metametaconceptus*. Neste último o noema [intenção] é o mais importante, por oposição ao [ideológico], não tão marcado como o [intencional]. Esses três subconjuntos formam o *conceptus lato sensu*. Temos pois,

Conceptus:

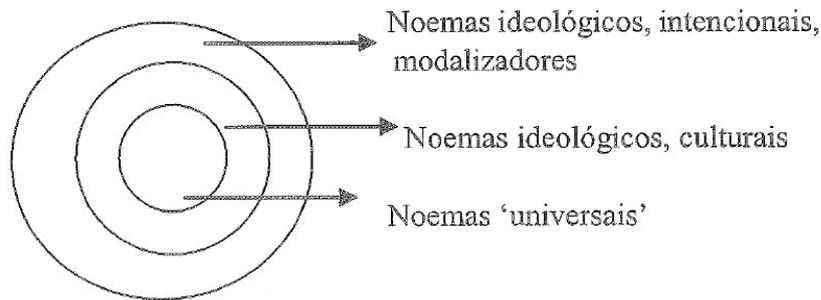
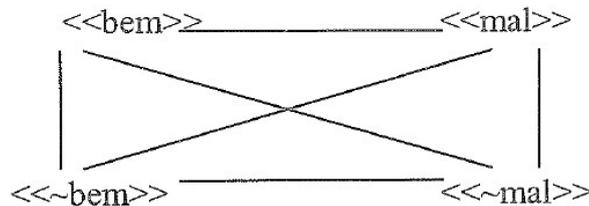


Figura 3: *Estrutura do conceptus*

Julgamos importante ressaltar que, ao engendrar-se um *conceptus*, geram-se, simultânea e necessariamente, três outros *conceptus*: seu *contrário* e os *contraditórios* decorrentes, já que o raciocínio do homem funciona por oposições, dentre as quais, relações entre contrários e contraditórios:

Desse modo, ao seu criar o *conceptus* <<bem>>, concomitantemente engendra-se o seu contrário, <<mal>>, e seus respectivos contraditórios, <<~bem>> e <<~mal>>.



onde << >> = conjunto de traços semânticos conceptuais, ou semema conceptual.

Figura 4: *Oposições antonímicas em nível conceptual*

Verifica-se, pois, que as relações de contrários e contraditórios pré-existem aos sistemas semióticos - na chamada semiótica ‘natural’ -, instauram-se no patamar da conceptualização, são semiotizadas e lexemizadas - no nível do léxico e dos vocabulários e,

finalmente, manifestam-se e sustentam-se nos discursos-ocorrência. Há, como se pode notar, coincidência dessas relações, no patamar cognitivo e nas suas respectivas lexemizações, se consideradas estas em nível de sistema.

Entretanto, sofrem elas reestruturações significativas em nível de *normas discursivas* ou *universos de discurso* e de *discursos-ocorrência*. Instauram-se, nesses níveis, relações antonímicas decorrentes do contexto ou de normas discursivas. É o caso, por exemplo, da oposição *verde x vermelho*, no código de trânsito; ou de *branco x tinto*, nas espécies de vinho. Isso reafirma o princípio de que a sino-antonímia é uma propriedade estrutural do sistema, dos modelos de relações geradores dessas estruturas (Cf. item 2).

#### 4.Exame de um microssistema

Apresentamos, aqui, à guisa de ilustração, um microssistema semântico-lexical definido pela oposição entre os metatermos contrários *nacionalismo x estrangeirismos*, os conceitos que lhes correspondem e a rede de metatermos complexos deles decorrentes, *importação de palavras* e *xenofobia lexical*. Pretendemos mostrar que relações entre contrários e contraditórios coexistem necessariamente, na constituição/ transformação de uma língua comum e nas linguagens de especialidades. Essa abordagem permitiu construir *quadrados e octógonos semióticos*, que possibilitam formalizar a *axiologia* desses microssistemas. Analisamos, ainda, possíveis *percursos dialéticos* entre os seus termos. Verificamos que esses percursos devem ser relativizados, segundo paradigmas filosóficos, científicos, culturais e políticos do processo histórico das comunidades humanas. Esquemáticamente temos:

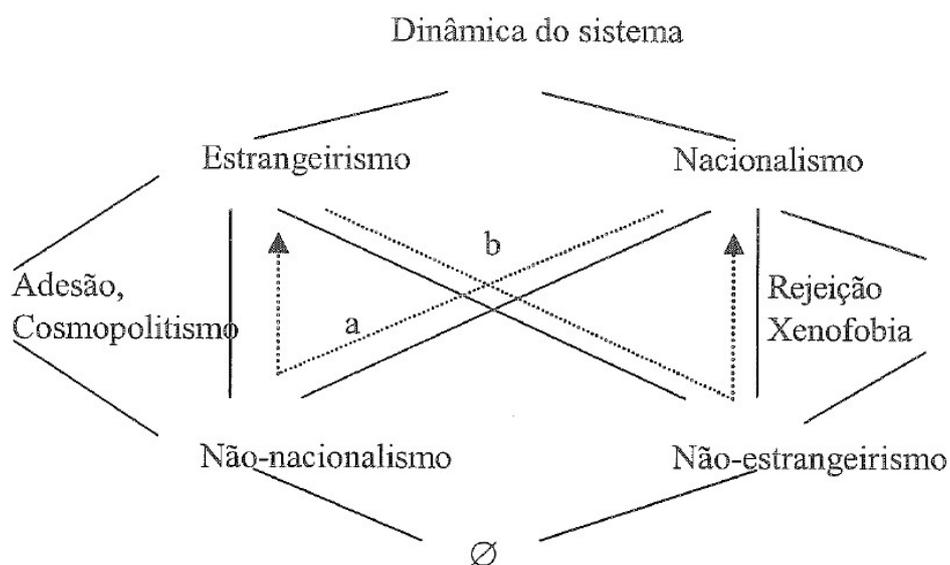


Figura 5: Um microssistema dialético na dinâmica do léxico

O percurso dialético **a** é o que se inicia com o uso de uma palavra estrangeira, um *estrangeirismo*, que é incorporada aos discursos da língua comum e, em seguida, passa a integrar o léxico vernáculo. Quando adotado por uma comunidade, caracteriza uma *política de aceitação e incorporação* de unidades lexicais de outras línguas, como forma de *adesão* ou cosmopolitismo, a *importação de palavras*. A rejeição de palavras de outras línguas define-se como *xenofobia lexical*.

O percurso dialético **b** é aquele que se realiza com a *exportação de palavras*, da língua vernácula para outras línguas, que, por sua vez, as incorporam em seu léxico.

Observamos que as relações dialéticas entre contrários e contraditórios e as demais relações lógicas dialéticas que delas decorrem coexistem necessariamente na *constituição e transformação* de uma língua comum e das linguagens de especialidade a partir dela construídas.

Verificam-se, pois, no exemplo aqui considerado, as relações apontadas por Pais (1993: 634-635) “que se constitui um microssistema semântico-lexical, ou seja, uma rede de oposições sustentada em relações dialéticas, entre termos contrários, entre os contrários e os contraditórios que lhe correspondem, ainda, entre contrários e contraditórios, de um lado, e os metatermos complexos que resultam das combinações entre os termos ‘simple’ e, enfim, entre os metatermos complexos: tensão dialética, dêixis positiva, dêixis negativa e termo neutro”.

Examinando o octógono semiótico acima apresentado, do ponto de vista das relações de antonímia, podemos concluir que, no microssistema instaurado, *nacionalismo* é antonímia do *estrangeirismo*, por contrariedade; e antônimo de *não-nacionalismo*, por contraditoriedade. Tem-se aí, nitidamente, um exemplo do dinamismo das relações lógicas subjacentes.

Ao se constituir, pois, um microssistema lexical, engendram-se simultaneamente um campo conceitual, seu respectivo campo lexical, relações formalizáveis como um octógono semiótico, um microssistema dialético e um microssistema dinâmico de relações antonímicas.

## 5. Considerações finais

O exame de relações dialéticas subjacentes a microssistemas de unidades lexicais, que se atualizam em discursos manifestados e neles se transformam, revela o dinamismo

do léxico e nos vocabulários, sustentados na tensão dialética entre duas tendências contrárias, *conservação x mudança*.

Esse exame revela, ainda, que as relações entre contrários e contraditórios - dentre as quais as relações sino-antonímicas - coexistem necessariamente na constituição/trans-formação de uma língua comum e nas linguagens de especialidade.

Essa abordagem permitiu construir modelos dialéticos, que possibilitam formalizar a axiologia desses microssistemas conceptuais-lexicais.

Distinguem-se, nas relações entre contrários e contraditórios, aquelas que já se acha consolidadas no nível do sistema e aquelas que são construídas no aqui e agora de cada enunciação e produção textual.

É preciso considerar essas relações no dinamismo do léxico como elementos importantes nos processos de pedagogia do léxico.

### **Referências Bibliográficas**

BARBOSA, Maria Aparecida. Estruturas da obra lexicográfica: algumas questões semânticas. *In: Confluência. Boletim do Departamento de Linguística*. (Assis, UNESP-Assis), pág.148-161,1994.

\_. Léxico, semântica e produção da cultura. *In: Confluência. Boletim do Departamento de Linguística. Assis-UNESP*. Assis: UNESP, pág. 63-67, 1995.

\_. Paradigma e parassinonímia nos termos da Ecologia. *In: Anais do III EELA*, Vol. 1. São Paulo: Arte & Ciência, pág. 13-21, 1998b.

\_. Terminologização, vocabularização, cientificidade, banalização: relações. *In: Acta semiótica et linguística (Revista Internacional de Semiótica e Linguística)*, Vol. 1. São Paulo: Plêiade, pág. 25-44, 1998c.

\_. Campo conceitual e campo lexical dos termos globalização e mundialização: relações. *In: Revistas brasileiras de linguística*, vol. 10 São Paulo: Plêiade, p. 29-52, 1999.

BÉJOINT, Henri, THOIRON, Phillippe *et al.* Notion d' "archi-concept" et dénomination. *In: Meta. Journal del Traducteurs*. Montréal: Presses de l'Université de Montréal, pág. 512-523, 1996.

CALÇADA, Guiomar Fanganiello. O léxico e o dicionário para a compreensão e interpretação do texto literário. In: *Anais do 8º Congresso e professores de português*. São Paulo: PUC, 2000.

COSERIU, Eugenio. Vers une typologie des champs lexicaux. In: *Cahiers de lexicologie*, 27. Paris:, Larousse, pág. 30-51, 1975.

GECKELER, Horst. *Semántica estructural y teoría del campo léxico*. Madrid: Gredos, 1984.

GREIMAS, Algirdas Julien et COUTÉRS, Joseph. *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Paris: Hachette, p. 157-162, 1979.

HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

LOPES. Edward. *Fundamentos da linguística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1976;

LYONS, John. *Introdução à linguística teórica*. São Paulo: Cia. Editora Nacional/Edusp, 1979.

MALMBERG, Bertil. *A língua e o homem. Introdução aos problemas gerais da linguagem*, Rio: Nórdica, 1976.

PAIS, Cidamar Teodoro. Les tensions et les parcours de production du processus sémiotique. In: *Acta semiotica et Linguistica (Revista internacional de Semiótica e Linguística)*. São Paulo: Global, pág. 103-123, 1979.

\_\_\_\_\_. Elementos para uma tipologia dos sistemas semióticos. In: *Revista Brasileira de Linguística*, v. 6, nº 1. São Paulo: Duas cidades - SBPL, pág. 45-60, 1982.

\_\_\_\_\_. Conditions sémiotiques et sémantico-syntaxique de la productivité systémique, lexicale et discursive. In: *hommage à Bernard Pottier*, V. 2 Paris: Klincksieck, pág. 599-614, 1988.

\_\_\_\_\_. *Conditions sémantico-syntaxiques et sémiotiques de la productivité systémique, lexicale et discursive*. Thèse de Doctorat d'État ès-Lettres et Sciences Humaines. 2 tomes. Paris/Lille: Université de Paris-Sorbonne/ A.N.R.T., 761 pág., 1993.

\_\_\_\_\_. Conceptualisation, dénomination, désignation, référence: réflexions à propos de l'énonciation et du savoir sur le monde. In: *Hommage à Simone Saillard. Textures. Cahiers du C.E.M.I.A.* Lyon: Université Lumière Lyon 2, p. 271-311, 1998.

\_\_\_\_. Étude comparée de microsystemes de valeurs des cultures française et brésilienne: essai en sémiotique des cultures. In: *INFO-CREA - Revue du Centre de Recherches et d'Études Anthropologiques*. Volume 6. Lyon: Centre de Recherches et d'Études Anthropologiques de l'Université Lumière Lyon 2, p. 13-21, 1999.

OTTIER, Bernard. *Linguistique générale. Théorie et description*. Paris: Klincksieck, 1974.

\_\_\_\_. *Théorie et analyse en linguistique*. 2e ed. Paris: Hachette, 1991.

\_\_\_\_. *Sémantique générale*. Paris: PUF, 1992.

RASTIER, François. *Sémantique et recherches cognitive*. Paris: PUF, 1991.

\_\_\_\_. Para uma poética generalizada. Tradução de C. T. Pais. In: *Acta semiótica et linguística (Revista Internacional de Semiótica e Linguística)*, Vol. 8. São Paulo: Plêiade, 2000.

SEIDE, Márcia Sipavicius. *Características e Funções da Antonímia Textual*. São Paulo: FFLCH-USP, 2001.

ULLMANN, Stephen. *The principles of Semantics*. Glasgow: Jakson, Oxford Bleckwell, 1975.

VILELA, Mário. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Almedina, 1994.